

VERÃO NA VILA apresenta

FRATURAS MARCONE MOREIRA



TEXTO | TEXT
EUCANAÃ FERRAZ

ABERTURA | OPENING
24.02 14H — 18H

VISITAÇÃO | VISITS
24.02 — 13.04

TER-SEX | TUES - FRI 11-19H
SAB | SAT 11-17H



PORTAS
VILASECA
GALERIA

RUA DONA MARIANA 137 CASA 2 BOTAFOGO - RIO DE JANEIRO
PORTASVILASECA.COM.BR +55 21 2274 5965

Fraturas

A paisagem marca toda a obra de Marcone Moreira. Viver onde vive – Marabá, cidade do sudeste do Pará, ponto de encontro entre dois grandes rios, Tocantins e Itacaiúnas – é seu bem mais precioso. Seus olhos estão ali. É a realidade do lugar que define as linhas mestras do trabalho – pinturas, instalações, esculturas, fotografias, coisas. Mas a presença do vocabulário local se dá por meio de uma sensibilidade formal que remonta processos fundamentais das artes moderna e contemporânea. O mais flagrante: Marcone apropria-se da inteligência plástica popular em *readymades* originados de embarcações, caminhões, caixotes, caixas de isopor e outros objetos. No entanto, ou por isso mesmo, a paisagem aparece apenas como metonímia: pedaço, resto. Ou ainda, fratura, compreendida como forma fragmentária, mas não amorfa.

Como realidade material, a fratura não expõe somente o passado; ela faz ver sobretudo a *decrepitude de toda presença e de todo o presente*. Como fragmento arqueológico de uma ruína, dispara-nos a memória ou a fantasia de uma totalidade perdida, mas também antecipa a destruição futura daquilo que hoje nos parece inteiro, útil, perene. Ou seja, a fratura remete à incerteza e à provisoriedade de todos os fundamentos e convicções. Na ruína, os vestígios, espalhados ou em grupo, formam sentidos, sugerem uma continuidade perdida no tempo e no espaço; avizinham-se da história, da ação humana e da natureza. Nos cacos, pedaços, estilhaços vemos também o que não está ali – e é exatamente a *ausência* que nos instiga rumo a uma apreensão restauradora do que se perdeu. Nesse sentido, nesta exposição vislumbramos uma obra que se vale – como num coral de vozes – do *tempo*.

Marabá – que também pode ser entendida nesse contexto como metonímia da Amazônia brasileira, mas também de outros e vastos Brasis – é tanto um passado quanto um presente nos trabalhos de Marcone Moreira: quinta cidade paraense mais populosa; expressivo polo de mineração; interligada ao território nacional por cinco rodovias e por vias aérea, ferroviária, fluvial e, como não poderia deixar de ser, espaço urbano que sofre dos males amplamente sociais que devoraram o restante do país. A Amazônia que vem dar nos trabalhos de Marcone Moreira é esta: contemporânea, complexa, traumática, mas é também grávida, imemorial, espantosa, gorda de infinitos, mítica, silenciosa, secreta.

Não se trata absolutamente de obra marcada pela eloquência discursiva, pelo didatismo ideológico ou pela literalidade. Ao contrário, toda ela parece se fazer como exercício de reflexão, realizado no silêncio e no conhecimento profundo. Espaço e tempo: Marabás, rios, Parás, estradas, nortes, nordestes, BRs, ribeirinhos, aldeias, garimpos, árvores, armas, tesouros, incêndios, chuvas, aldeias, rodovias, montanhas, acampamentos, os céus, as terras, as águas – em ruínas. Sobram pedaços. De tudo fica um pouco. Não há o apagamento total do objeto. Deparamos, então, com uma problemática permanência das coisas, fragmentárias ou incompletas. A contemplação das fraturas dá-nos acesso a partes do que foi íntegro, ou do que se projetou para sê-lo: um barco, uma casa, uma paisagem, qualquer objeto vivo. Com os trabalhos de Marccone Moreira entendemos bem que aquilo que vemos remete ao que não vemos. Fragmentos da embarcação – restos de madeira coloridos e tão alegres – ou as pobres hélices estropiadas do motor trazem para o agora o que foi inteiro e vivo.

Estamos diante do que se tornou inútil, do que foi abandonado. Não basta falar de Duchamp e de apropriação. Penso que a maior ambição destes trabalhos seja esta: o perdão. Tudo aqui repercute um luto perfeito. Não há lágrima. A tristeza que vem de cada pedaço dos pedaços de coisas despedaçadas olha-nos de frente; interroga-nos. Restos, sim, mas vivem em estado de total dignidade. E vão alto: à beleza. No conjunto de obras selecionadas e postas em diálogo por Marccone, vejo um caminho em direção à difícil e raríssima *impessoalidade*: uma apreensão do mundo sem palavras; as coisas falando por si mesmas. Arte impessoal, arrancada, sim, da vivência pessoal e de infinitos laços históricos. Mas quanto mais baixa a voz do sujeito/artista, mais alto ele se projeta para o mundo, torna-se capaz de ouvir o que dizem as coisas e devolve-nos a voz do mundo – sua presença.

Para ouvir: silêncio e solidão. A nova série de pinturas é, nesse sentido, uma síntese luminosa. Nelas, vê-se o perfil de uma pequena embarcação levada por um personagem. É inevitável a associação da imagem com as outras obras de Marcone e não seria difícil entrever no diálogo a alusão a uma realidade local, mais ou menos como uma ilustração. No entanto, o caráter de crônica não resiste à própria instabilidade da imagem. Afinal, quais as marcas locais presentes ali? Quais os traços definidores da geografia, ou ainda, do tempo e do espaço? É sem esforço que reconhecemos: não temos nenhuma informação. Estamos diante da solidão e do silêncio. Uma espécie de névoa faz a figuração pairar na abstração. O personagem representado pode estar em qualquer lugar, qualquer lago ou rio, ou praia; a cena pode ter se passado ontem – em tempos muito pretéritos – ou hoje. A vaga – vaguíssima – paisagem parece, assim, rememorar um ato originário, arquetípico: navegar. Aqui está, portanto, a tecnologia humana em seu retrato atemporal. Ou seja: humano e natureza em estado de solidão e silêncio, descoberta e aventura, trabalho e magia, história e mito.

Julgo que Marcone chega a tais pinturas graças a sua experiência, a seu conhecimento acumulado fora da pintura. Nelas está plenamente o seu gesto criador: a compreensão da matéria; as incursões na fisicalidade do espaço e do tempo; o acolhimento generoso das nódoas e dos vazios inscritos pelo uso e pelo desamparo; a curiosidade em torno das tecnologias básicas da sobrevivência, nas quais o artista reconhece uma ética de aproveitamento da natureza e uma estética; a economia do mínimo; o gosto pela síntese; a concentração poética.

A magnífica *pobreza* que assinala todos e cada um dos trabalhos de Marcone Moreira encerra uma lição: como arrancar do pouco a contundência. Lição altíssima, amorosa, a se aprender com os olhos.

Eucanaã Ferraz

Eucanaã Ferraz nasceu no Rio de Janeiro. É poeta e publicou diversos livros, vários deles premiados no Brasil e Portugal, onde sua obra é editada regularmente desde 2001. Organizou, entre outros, livros de Caetano Veloso, Adriana Calcanhotto e Vinicius de Moraes. É professor de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da UFRJ e, desde 2010, atua como consultor de literatura do Instituto Moreira Salles. Já assinou diversas curadorias de artes visuais de artistas como Fayga Ostrower, Raul Mourão, Vicente de Mello, José Bechara e Chichico Alkmin. A exposição “*Constelação Clarice*” (IMS – São Paulo e Rio de Janeiro), com a curadoria dividida com Veronica Stigger, foi escolhida pela revista britânica de arte contemporânea *Frieze* como uma das dez melhores exposições do mundo em 2022.



PORTAS
VILASECA
G A L E R I A

VERÃO NA VILA
apresenta

FRATURAS
MARCONE MOREIRA

TEXTO EUCANAÃ FERRAZ
24 FEV — 13 ABR 2024





Sem título, 2023
Madeira de embarcação
125 x 113 x 6 cm

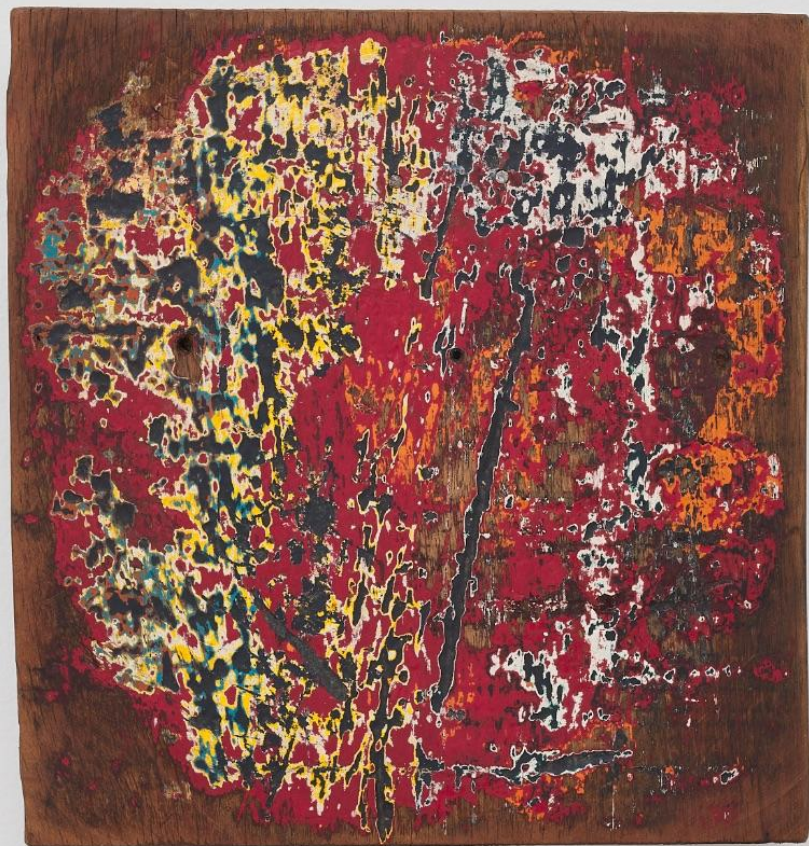






Sem título, 2022
Madeira de embarcação
67 x 23 cm





Sem título, 2023
Série "Imensidão"
Madeira de embarcação
31 x 29 cm









Sem título, 2023
Série "Imensidão"
Madeira de embarcação
22 x 23 cm







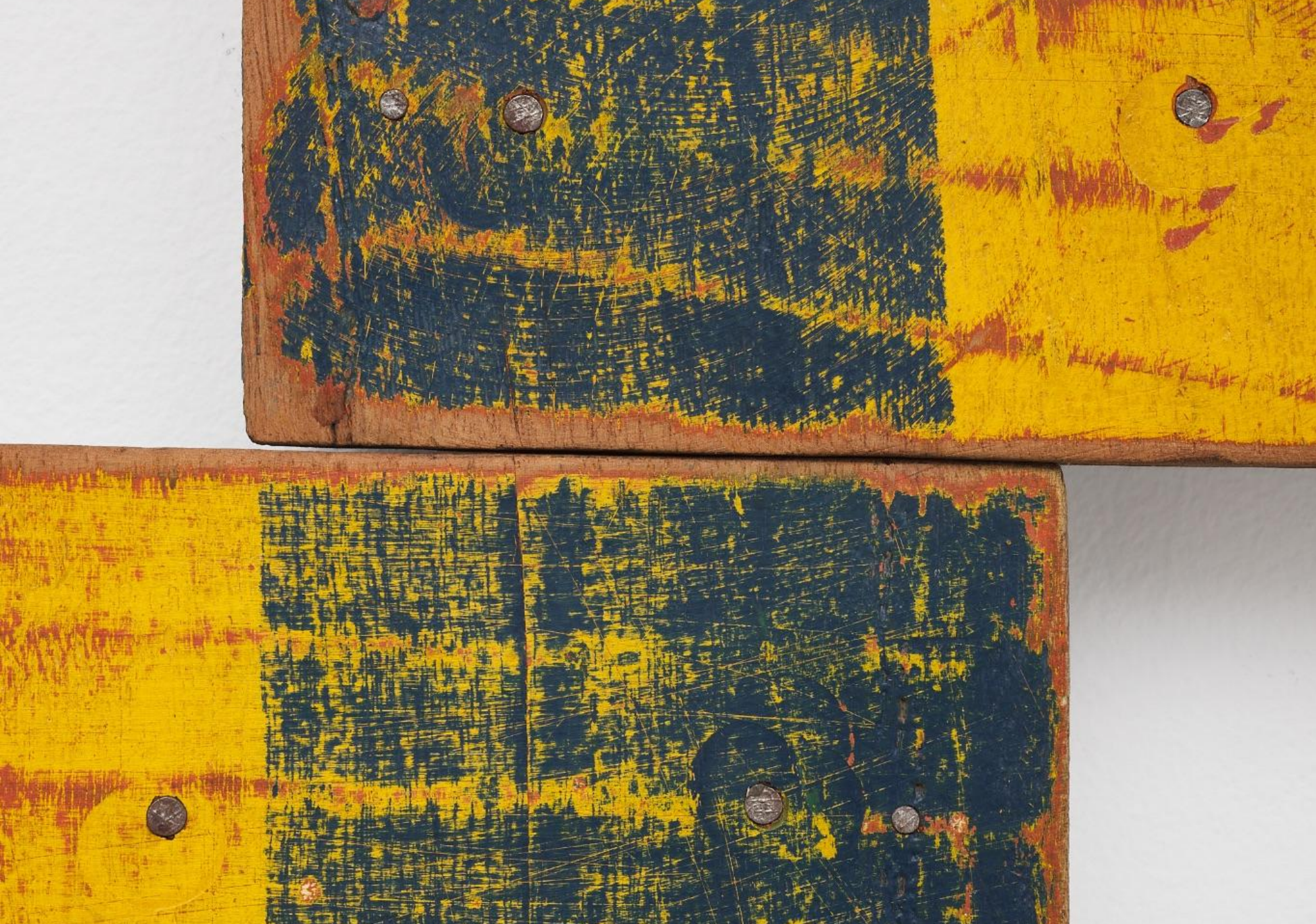
Sem título, 2023
Madeira de embarcação
28 x 34 cm













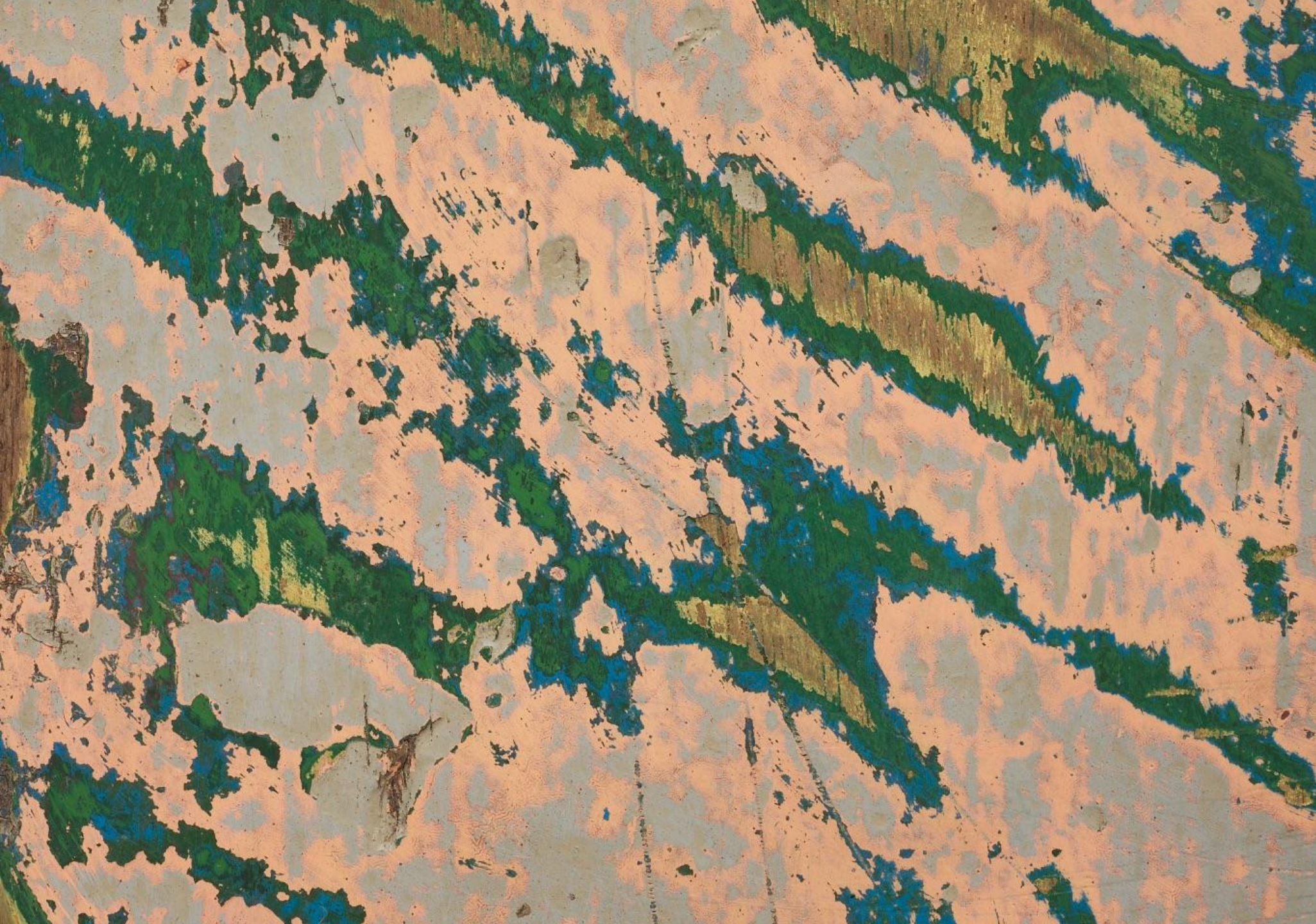
Sem título, 2023
Madeira de embarcação
80 x 53 cm













Sem título, 2023
Madeira de embarcação
53 x 25 cm





Sem título, 2023
Madeira de embarcação
72 x 43 cm











Sem título, 2022

Série "Corpos"

Madeira de pequi e corda de nylon

223 x 26 x 33 cm



Sem título, 2022

Série "Corpos"

Madeira de pequi e corda de nylon

225 x 48 x 6 cm









Sem título, 2023
Madeira de embarcação
56 x 48 cm



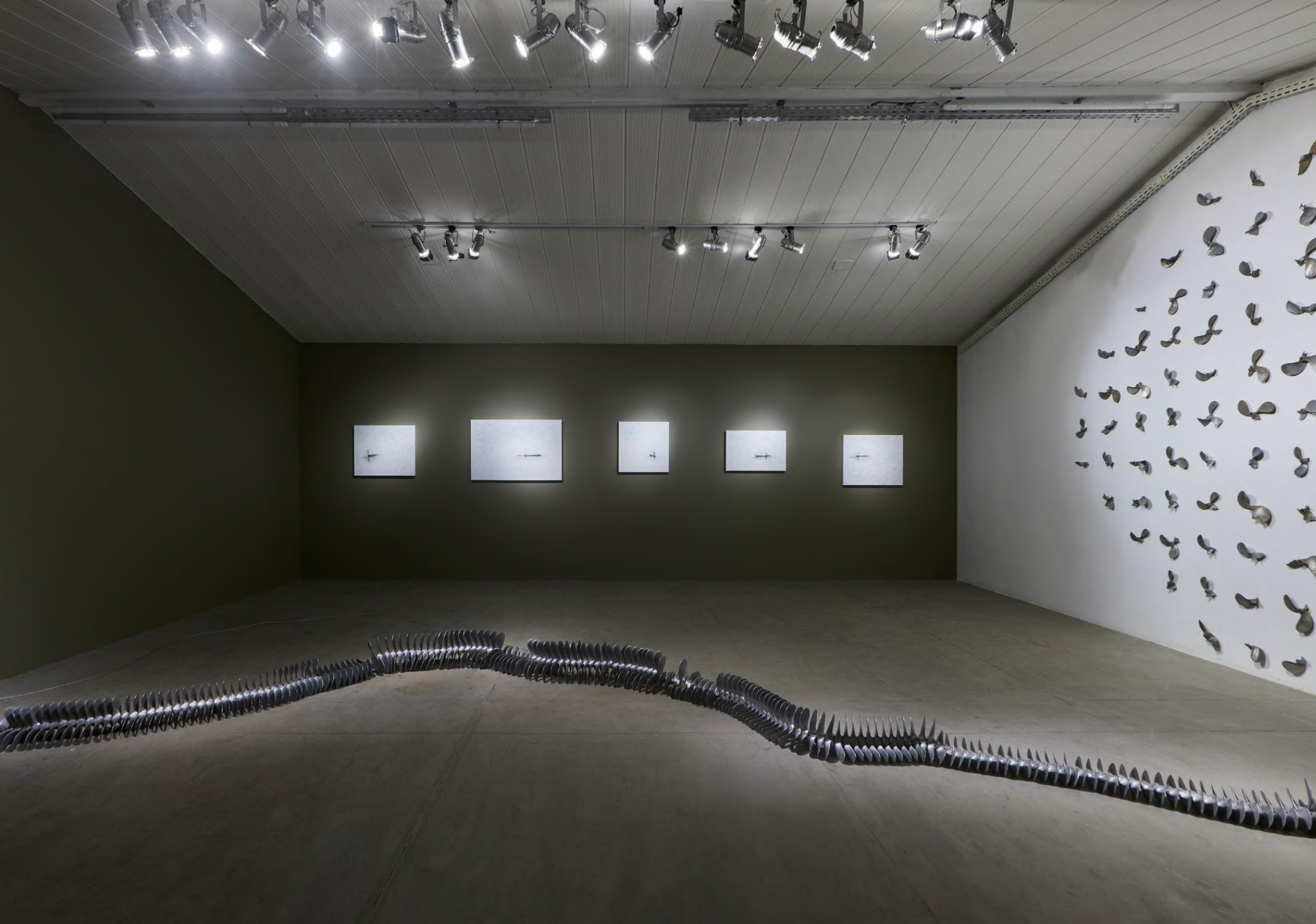




Sem título, 2023
Série "Páginas"
Madeira de embarcação
40 x 65 cm

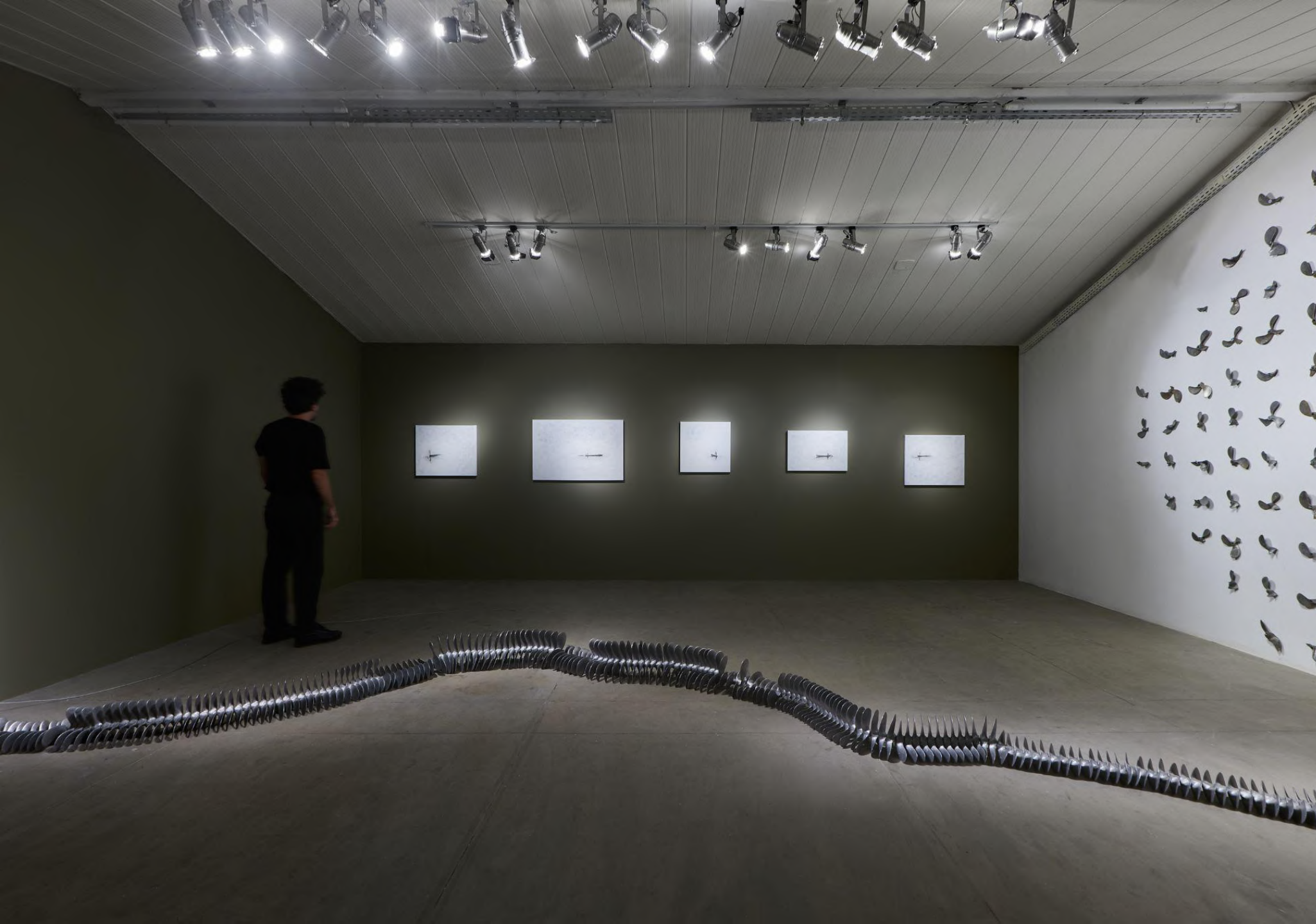
















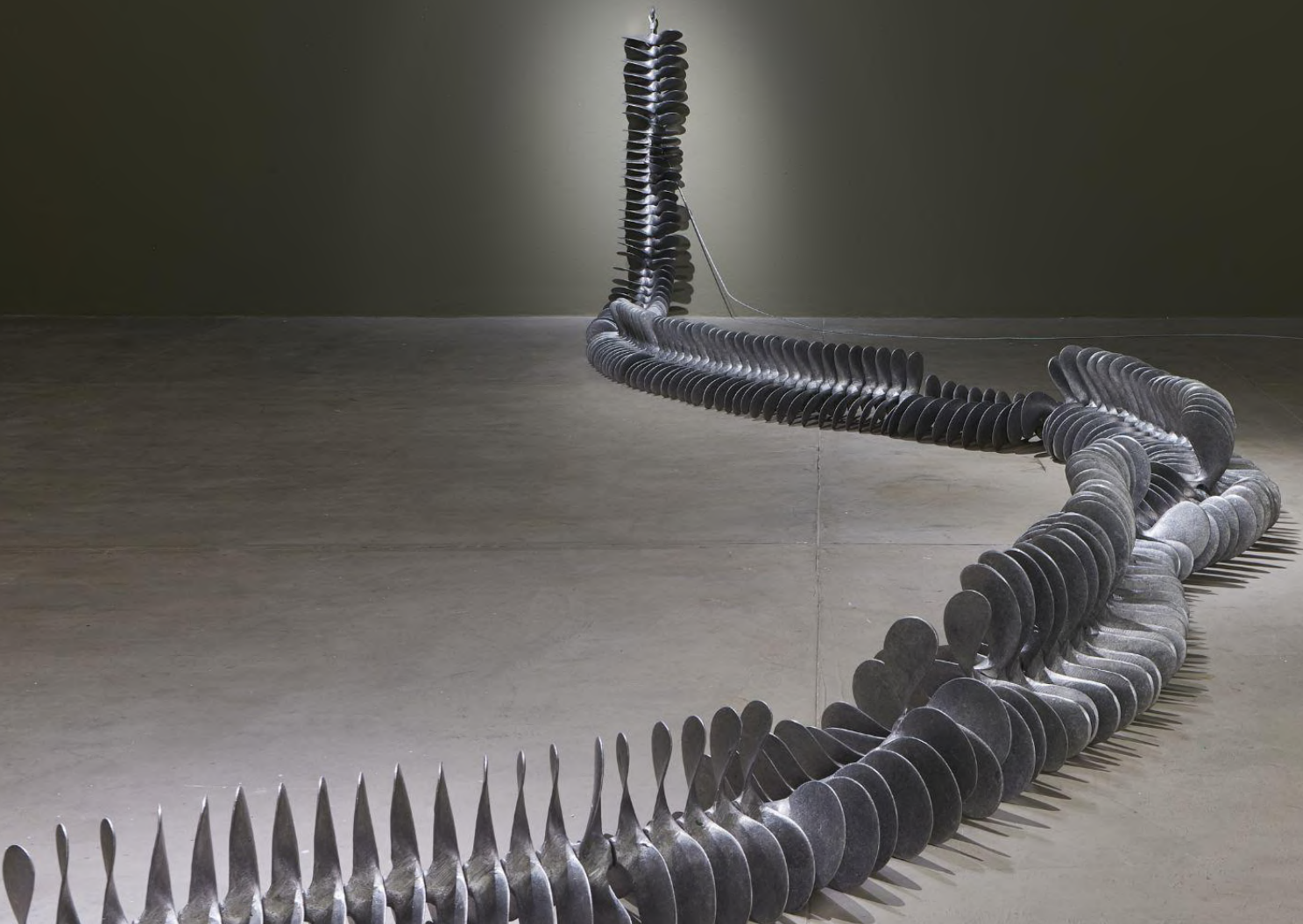
Fraturas, 2014-2024

Instalação. 81 hélices quebradas de

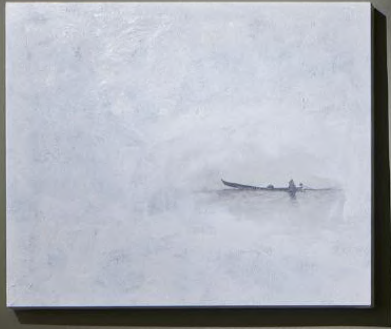
barcos fundidas em alumínio

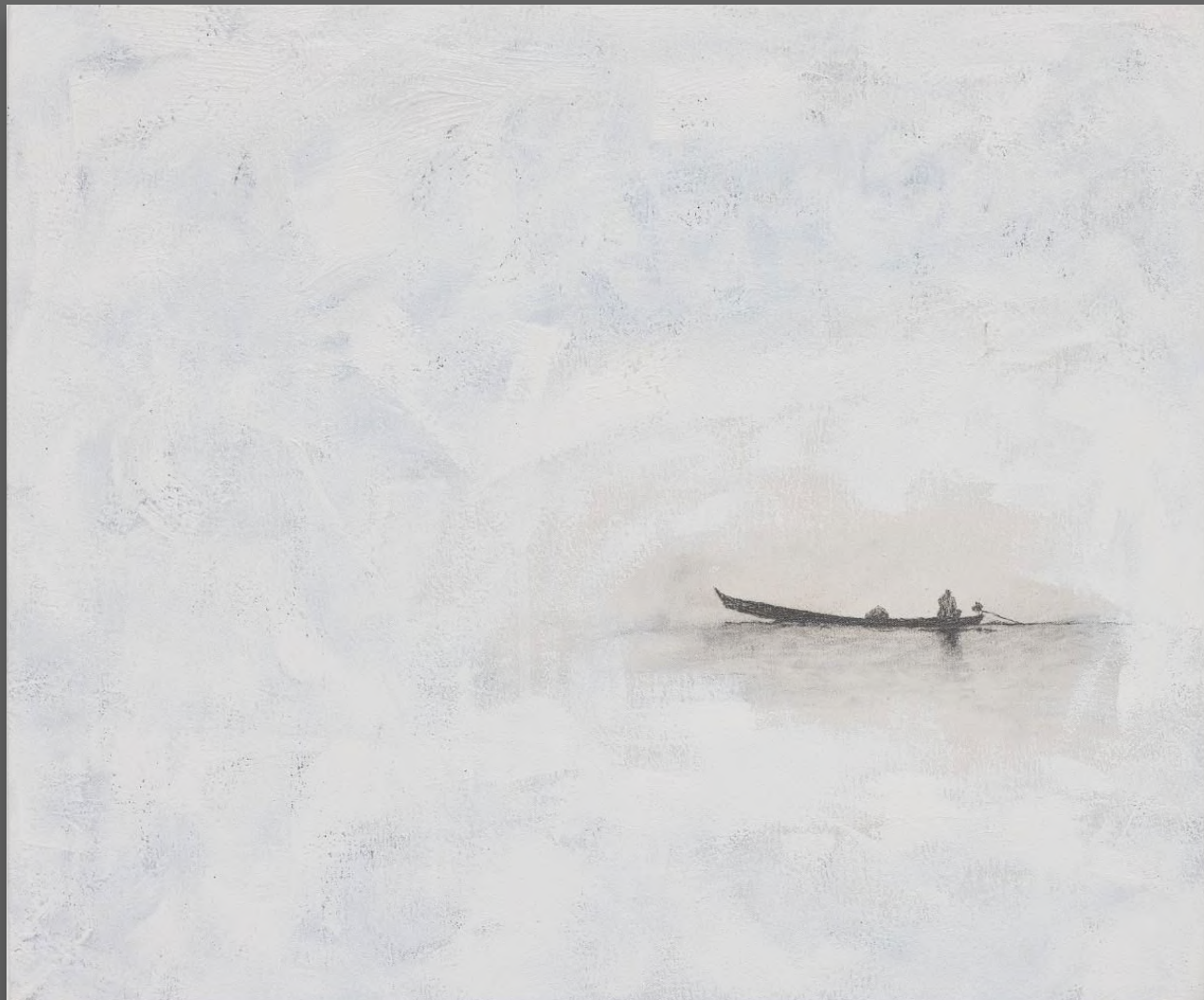
Dimensões variáveis

Coleção do artista



Vertebral, 2023
Instalação. 240 hélices de alumínio
e cabo de aço
0,1 x 0,2 x 7 m





Sem título, 2023
Série "Travessias"
Acrílico e grafite sobre tela
50 x 60 cm





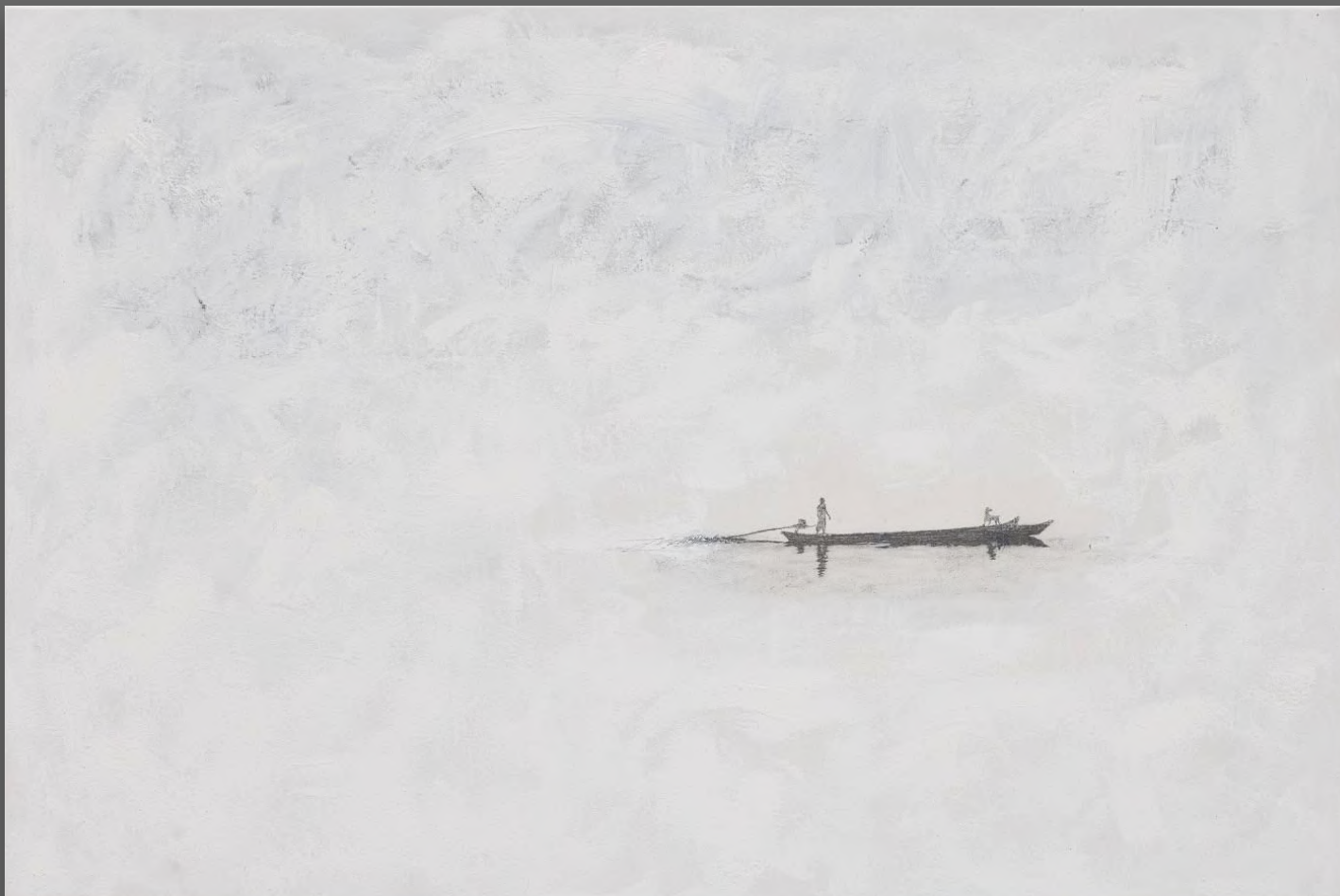
Sem título, 2023
Série "Travessias"
Acrílica e grafite sobre tela
50 x 60 cm





Sem título, 2022-2023
Série "Travessias"
Acrílico e grafite sobre tela
40 x 60 cm





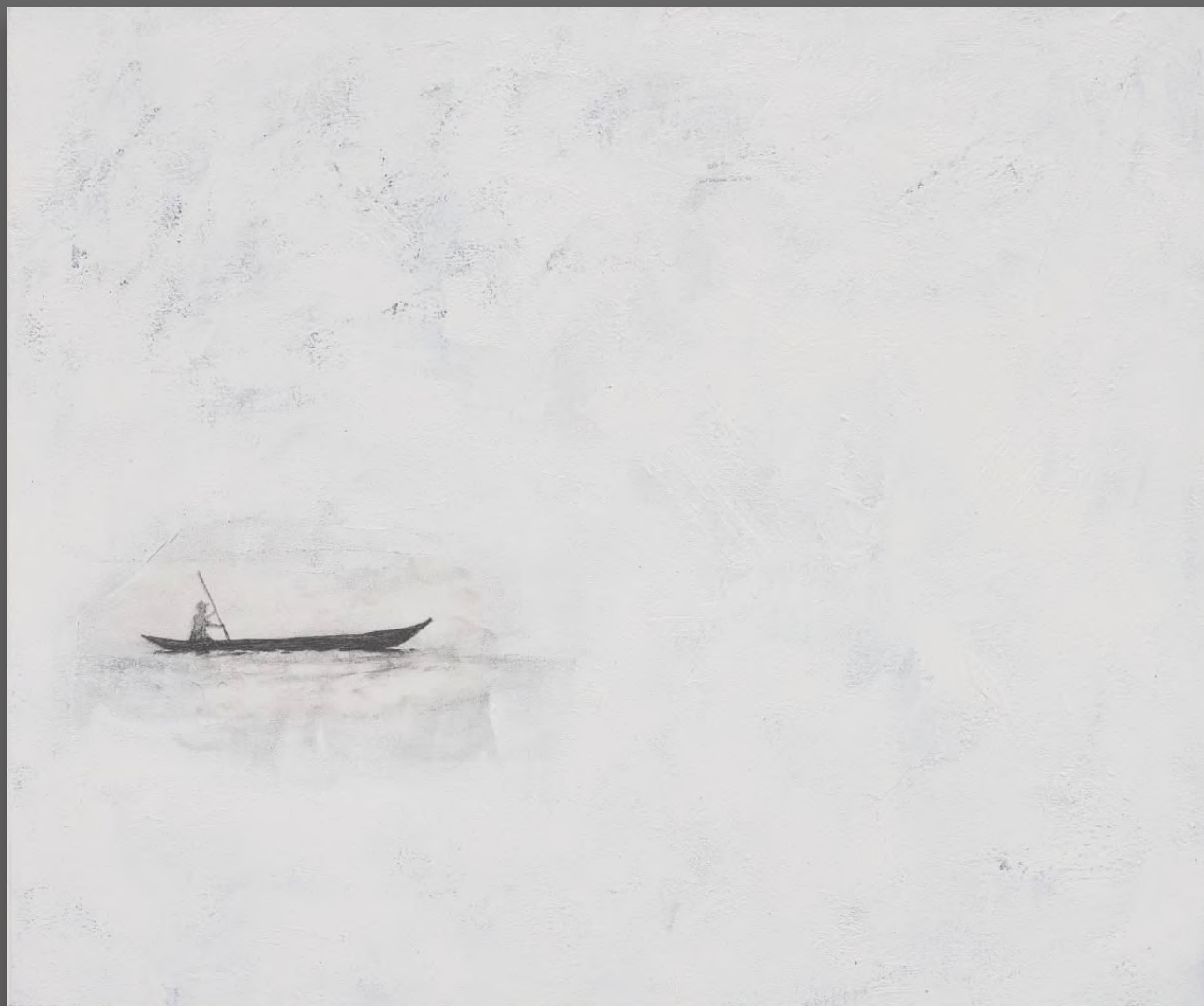
Sem título, 2023
Série "Travessias"
Acrílica e grafite sobre tela
60 x 90 cm





Sem título, 2023
Série "Travessias"
Acrílica e grafite sobre tela
50 x 60 cm





Sem título, 2023
Série "Travessias"
Acrílica e grafite sobre tela
50 x 60 cm





Sem título, 2023
Série "Travessias"
Acrílica e grafite sobre tela
50 x 50 cm



MARCONE MOREIRA

1982 - Pío XII, MA, Brasil

Vive e trabalha em Marabá, PA, Brasil

Iniciou suas experimentações artísticas no final dos anos 90 e, a partir de então, vem participando de diversas exposições pelo país e no exterior. Sua obra incorpora várias linguagens, como pinturas, esculturas, vídeos, objetos, fotografias e instalações.

Sua pesquisa está associada à memória de materiais gastos e impregnados de significados culturalmente construídos. Na sua prática artística, desenvolve uma metodologia de trabalho em que interessa a apropriação, o deslocamento e a troca simbólica de materiais.

PRÊMIOS

- PREAMAR de Arte e Cultura – Produção e Circulação, Secult-PA (2020);
- Bolsa de Pesquisa e Experimentação Artística, Casa das Artes, Belém (2018);
- Programa Residências Artísticas, Fundação Joaquim Nabuco, Recife (2014);
- Bolsa de Estímulo à Produção em Artes Visuais, Funarte (2013);
- Prêmio Marcantonio Vilaça, CNI/Sesi (2011);
- Prêmio Marcantonio Vilaça/Funarte (2010);
- Bolsa de Pesquisa e Experimentação Artística, Instituto de Artes do Pará, Belém (2009);
- Premiado no XV Salão da Bahia, Salvador (2008);
- Prêmio Projéteis de Arte Contemporânea, Funarte, Rio de Janeiro (2007);
- Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo (2007);
- Bolsa Pampulha, Museu de Arte da Pampulha (2005);
- Grande Prêmio no XXII Salão Arte Pará (2003).

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS MAIS RECENTES

- “Exaustos”, Casa das Onze Janelas, Belém, (2018).
- “Linhas de Força”, Palácio das Artes, Belo Horizonte (2017).
- “Marcone Moreira”, Paço Imperial, Rio de Janeiro (2016).
- “Território líquido”, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo (2015).

EXPOSIÇÕES COLETIVAS SELECIONADAS

- “Tanto Mar”, Espaço Santa Catarina, Lisboa, Portugal (2020);
- “VAIVÉM”, Centro Cultural Banco do Brasil – Itinerância por São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro e Belo Horizonte (2019);
- “From the Margin to the Edge”, Somerset House, Londres (2012);
- “Os primeiros 10 anos”, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo (2011);
- “Paradoxos Brasil”. Rumos Visuais, Itaú Cultural, São Paulo (2006);
- “Desarranjos”, Museu do Marco, Vigo, Espanha (2005);
- “Panorama da Arte Brasileira”, Museu de Arte Moderna, São Paulo (2003).

COLEÇÕES

- Museu de Arte do Rio – MAR
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM
- Museu da Universidade Federal do Pará, Belém
- Casa das Onze Janelas, Belém
- Museu de Arte Moderna da Bahia – MAM
- Fundação Clóvis Salgado, Belo Horizonte
- Centro Cultural São Paulo



verão na vila



© 2024 Portas Vilaseca Galeria

Jaime Portas Vilaseca

Fundador e Diretor

jaime@portasvilaseca.com.br

Frederico Pellachin

Diretor de Comunicação e Relações Institucionais

fredericopellachin@portasvilaseca.com.br

Clara Reis

Diretora de Vendas

clarareis@portasvilaseca.com.br

Ana Bia Silva

Assistente de Produção

anabiasilva@portasvilaseca.com.br

FRATURAS

MARCONE MOREIRA

Texto crítico

Eucanaã Ferraz

Montagem

Los Montadores

Fotos

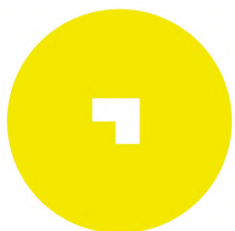
Rafael Salim

Projeto de Iluminação

Antonio Mendel

Design Gráfico

Bia Machado e Frederico Pellachin



PORTAS
VILASECA
G A L E R I A

Website: www.portasvilaseca.com.br
Facebook: www.facebook.com/portasvilaseca
Instagram: @portasvilaseca @veraonavila
Twitter: @portasvilaseca
Artsy: www.artsy.net/portas-vilaseca-galeria

+55 21 2274 5965
www.portasvilaseca.com.br
galeria@portasvilaseca.com.br

Rua Dona Mariana, 137 casa 2
Botafogo 22280-020
Rio de Janeiro RJ Brasil

